

DE CUIDADORA A TIA, DE TIA A PROFESSORA: SER PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daiana Camargo¹
Franciele Sueke Martins Biagini²
Patrícia dos Santos Corrêa³

RESUMO: A formação do professor de Educação Infantil, cuja prática de sua profissão é dotada de especificidades, se constitui um relevante tema de estudo, mediante as resistências de reconhecimento do valor deste profissional e da necessidade de formação específica. O texto é parte de estudo realizado por acadêmicas de Pedagogia como Trabalho de Conclusão de Curso, cujo ponto de partida foram as inquietações oriundas do Estágio de Docência. As observações/vivências na educação infantil, levaram a indagar: Qual a importância da formação específica para professores atuarem com a criança pequena? A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e de campo, cujos dados foram obtidos por meio do instrumento questionário, aplicado a dez professoras de duas instituições de Educação Infantil, sendo uma instituição da rede pública, e outra da rede privada. Busca-se verificar como os professores compreendem/descrevem sua formação para atuação com crianças (GOMES, 2009; FORMOSINHO, 2009). Os dados foram sistematizados por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). A necessidade de fortalecimento das discussões quanto a criança, a infância e a educação infantil e suas especificidades, quanto eixo formativo nos cursos de Pedagogia são considerações relevantes ao estudo.

Palavras-Chave: Formação de Professores; Pedagogia; Educação Infantil;

FROM CARER TO TIA, FROM TIA TO TEACHER: TO BE A PROFESSIONAL IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION.

ABSTRACT: The training of an Infant Education teacher, whose practice of his profession is endowed with specificities constitutes a relevant subject of study, through the resistance of recognition of the value of this professional and the need for specific training. The text is part of a study carried out by Pedagogy scholars as a Course Completion Work, whose starting point were the restlessnesses arising from the Teaching Internship. The observations / experiences in early childhood education led us to ask: What is the

¹ Mestre em Educação (UEPG/PR); Doutoranda em Ciências de la Educación pela Universidad Nacional de La Plata – Argentina. Professora do Departamento de Pedagogia na UEPG. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (GEPEFE/UEPG/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Grupo de estudos, pesquisa e extensão na Educação Infantil: (GEPEEDI/UEPG/CNPq). contato: camargo.daiana@hotmail.com

² Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa –Paraná. Professora da Educação Básica (Ensino Fundamental I). contato: franbiagini@yahoo.com.br

³ Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa –Paraná. Professora da Educação Básica (Educação Infantil). contato: p.paty.patricia@hotmail.com

importance of specific training for teachers to act with the young child? The research is characterized as qualitative and field research. We aim to verify how the teachers understand / describe their training to act with children (GOMES, 2009; FORMOSINHO, 2009). The data were systematized through the Content Analysis (BARDIN, 1977). The need to strengthen discussions about children, childhood and early childhood education and their specificities, as the formative axis in Pedagogy courses are relevant considerations to the study.

Key words: Teacher Training; Pedagogy; Infant Education

A formação de professores: das indagações ao fortalecimento do estudo

Compreende-se que o professor de educação infantil é de grande importância na vida das crianças que estão ingressando na escola e, como consequência disso, a formação desse professor aparece como ponto chave e de grande importância neste contexto educacional. Com o passar dos anos a educação infantil vem ganhando mais força e as crianças estão iniciando cada vez mais cedo sua vida escolar, no entanto, além de uma boa estrutura, a escola deve contar com um profissional capacitado e comprometido com tudo aquilo que se propõe a fazer. Nesse sentido, observa-se que a formação inicial vem ganhando destaque, e pensando nesse sentido, busca-se compreender como essa formação é vista e compreendida pelas próprias educadoras.

As experiências vividas durante o estágio de docência na Educação Infantil possibilitaram-nos outros olhares, outros entendimentos e, conseqüentemente, outras reflexões. Algumas práticas restritivas de expressão e criatividade consideradas inadequadas, os tempos delimitados, as relações vivenciadas, as rotinas duramente estabelecidas nos fizeram indagar sobre o processo de formação, o entendimento de criança e educação infantil, dando origem a este estudo. Este tema vem permeado de outros elementos, desde a própria organização da educação infantil ao longo da história bem como da definição dos profissionais que nela atuam.

Pensar sobre o professor da educação infantil vem amparado em movimentos históricos e sociais importantes de reconhecimento dos direitos da criança (e do que a ela é oferecido) tanto quanto ao percurso das discussões sobre a formação do professor.

Cuidadora, tia ... professor (a) de Educação Infantil

Em análise ao processo de formação do professor nota-se que, decorrente de mudanças na sociedade, surge também a necessidade de mudanças na concepção de formação. Formação esta que deverá estar amparada na perspectiva da constituição humana integral, pautada em conhecimentos científicos, nas possibilidades da arte e da estruturação de relações respeitadas de convivência. Para tanto faz-se necessário que o profissional possua conhecimentos (formação) adequados para realizar tal propósito de maneira significativa.

Dentro desta discussão sobre a importância da formação do professor de educação infantil depara-se com outra questão bastante relevante que é a formação do professor reflexivo. Para pensar em uma formação integral é necessário que tal profissional reflita sobre sua ação. Sendo assim não se pode deixar de ressaltar os estudos realizados sobre tal temática. Nesse sentido, constata-se que:

O ensino como prática reflexiva tem se estabelecido como uma tendência significativa nas pesquisas em educação, apontando para a valorização dos processos de produção do saber docente a partir da prática e situando a pesquisa como um instrumento de formação de professores, em que o ensino é tomado como ponto de partida e de chegada da pesquisa. (PIMENTA, 2006 p.22)

Vê-se assim que tal temática já se tornou tema de pesquisas, pois é notável que o que se tinha até então era um conceito de formação voltada à racionalidade técnica, porém com o surgimento da ideia de formação reflexiva, a racionalidade técnica passa a não abarcar todas as necessidades da formação.

Por meio das pesquisas realizadas, sabe-se que o ato de refletir é uma atividade inerente ao ser humano, e que pensar é algo natural da espécie. Segundo Claretto e Lopes (2007), as raízes do termo reflexivo surgem a partir de John Dewey (1859-1952), que era filósofo, psicólogo e pedagogo e defendia o poder da reflexão como elemento impulsionador da melhoria de práticas profissionais docentes.

Fundamentando-se nos princípios de Dewey, surgem os estudos de Donald Schön sobre a nova epistemologia da prática profissional. O termo professor reflexivo ganha força com as ideias deste pesquisador em reação ao modelo de racionalidade técnica que permeava o contexto educativo de vários países, na década de 80, do século XX. Essa lógica reforça a separação entre os que pensam e planejam o trabalho pedagógico e os que o realizam. (CLARETO e LOPES 2007)

Segundo Militão (2004), a proposta de formação de profissionais formulada por Schön releva o aspecto da prática como fonte de conhecimento, por meio da reflexão e da experimentação; as reflexões a partir de situações reais práticas é a via possível para um profissional se sentir capaz de enfrentar as situações sempre novas e diferentes com que vai deparar na vida real e de tomar as decisões apropriadas nas zonas de indefinição que a caracteriza. Destaca-se também que toda ação reflexiva visa a mudanças de práticas que afetem a vida social de todos os envolvidos no processo.

De acordo com os escritos de Pimenta (2006), é possível perceber que a ação reflexiva vai muito além do que o mero pensar, mas sim refletir e buscar de certa forma ações para intervir em tais situações que provocam questionamentos. Veremos agora a colaboração de demais autores para o contexto da formação.

Quadro 2- Conceito de formação

AUTOR	CONCEITO DE FORMAÇÃO
Imbernón	A formação assume um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e com a incerteza. Formar o professor na mudança e para a mudança por meio das capacidades reflexivas em grupo, e abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada, já que a profissão docente precisa partilhar

	o conhecimento com o contexto.
Knowles & Cole	A formação de professores é entendida como um <i>continuum</i> , ou seja, um processo de desenvolvimento para a vida toda- <i>carrer-long</i> ou <i>life-longcarrer</i> .
Shön	Reconhece três componentes do conhecimento profissional para a formação: um de disciplina fundamental ou ciência básica, sobre o qual a prática se apoia ou a partir do qual é desenvolvida; outro de ciência aplicada, do qual derivam muitos procedimentos do diagnóstico cotidiano e soluções de problemas; e, finalmente, as habilidades e atitudes, que concernem à execução real de serviços ao cliente, usando o conhecimento básico e aplicado.
Zeichner	Aprender a ensinar é um processo que continua ao longo da carreira docente e que, não obstante a qualidade do que fizemos nos nossos programas de formação de professores, na melhor das hipóteses só podemos preparar os professores para começar a ensinar.
Torres	[...] hoje, ao se falar de formação ou capacitação docente, fala-se de capacitação em serviço. A questão da formação inicial está se diluindo, desaparecendo. O financiamento nacional e internacional destinado à formação de professores é quase totalmente destinado a programas de capacitação em serviço.

Fonte: Quadro organizado pelas autoras

Percebe-se que vários autores ressaltam a importância da formação do professor reflexivo para que a escola deixe de ser um lugar onde apenas se “repassem” conteúdos básicos, mas sim um local que instigue os alunos a conhecerem o mundo e todas as suas manifestações e complexidades.

Algo que mais se destaca entre o posicionamento de todos os autores é o fato que eles destacam que o processo de formação de professores é contínuo. Cada autor destaca de uma forma, porém a ideia de continuidade do processo é unânime. Sendo assim, pode-se dizer que a formação do professor reflexivo perpassa várias etapas, porém, é um processo que se caracteriza pelo seu seguimento e continuidade.

A especificidade da formação de professores para a Educação Infantil

O professor de educação infantil apresenta muitas singularidades, pois trabalha com crianças pequenas, portanto, deve levar em consideração a singularidade desta e para isso, o professor deve ter uma formação que se volte para o específico da educação infantil, que leve em consideração o “cuidar” e o “educar” de forma a atender esses dois pontos principais que são o cuidado com a criança pequena e o seu educar levando em consideração o tempo de cada uma.

De acordo com Rocha (2012), ao falarmos em formação, precisamos entender que a formação precisa ter uma intencionalidade e, assim, possibilitar ao professor o seu próprio desempenho como profissional.

A autora ainda relembra em seu artigo que, em 1833, foi criada no Brasil a Escola Normal no Rio de Janeiro, e ressalta que nesse tempo todas as escolas públicas eram destinadas exclusivamente aos homens, à mulher cabia cuidar do lar e dos filhos. Somente no século XX a mulher ganha espaço na escola, em decorrência do avanço do capitalismo e a necessidade de qualificar a mão de obra.

Como já escrito no capítulo I, neste tempo a mulher era vista como educadora nata, aquela que tinha o dom de educar pelo fato de ser mãe. E com isso, de acordo com Arce (2001) e Rocha (2012), a profissão começa a ser vista como “vocação” e que ser professora era quase que “ser mãe” uma missão de amor. “Conseqüentemente, o que

podemos perceber é a característica do papel feminino que se torna cada vez mais claro, suas raízes históricas do trabalho e sua formação esclarecem suas perdas de identidade profissional. (ROCHA, 2012, p.30)”

Segundo Formosinho (2009), na década 70 e 80 do século XX toda a formação de professores passa a ser de nível superior, deixando assim de ser apenas em nível médio. Esse processo transformou a formação inicial numa formação teórica e afastada das preocupações práticas sendo esse o processo de academização. As recentes políticas de formação de professores, bem como, as discussões quanto à criança, seus direitos, suas singularidades e potencialidades fez com que a entrada da formação de professores da educação infantil no ensino superior tivesse inegáveis vantagens como a possibilidade de formar profissionais mais reflexivos, críticos e capazes de conceber uma formação adequada nos mais variados contextos.

De acordo com Gomes (2009), o professor que atua na educação infantil deve ter claro sua identidade sendo que ela apresenta singularidades se comparadas a outro profissional da educação. Essa singularidade só foi percebida em meados da década de 1990, sendo que antes disso era quase inexistente, compreendido apenas como um profissional que atuaria como assistente, ou seja, a educação era toda voltada ao lado assistencialista sem pensar na educação para essas crianças. Rocha (2012) argumenta que:

O educador que está em constante formação deve ter consciência do papel que exerce na formação de uma geração apta aos desafios do novo milênio. Para tanto, uma reflexão consciente dessa prática é de fundamental importância, a fim de pensar na criança que queremos formar e sob quais vínculos as mesmas serão formadas. (ROCHA, 2012, p. 33)

Portanto, a formação de professores na educação infantil, segundo a autora, requer um olhar sobre a prática, sendo este minucioso na estrutura dos saberes, inserida em uma série de elementos para nortear a prática docente, tendo um papel importante além da escola e dos professores; a participação da família da escola. Sendo assim todos os envolvidos devem participar de forma a atender os anseios da criança.

Nesse sentido, Rocha (2012) complementa que deve-se considerar a importância da formação de profissionais para que possam atuar na educação infantil, uma vez que são eles que promovem além da socialização das crianças também o seu desenvolvimento integral e, com isso, podem participar ativamente do processo de constituição da criança, conhecendo suas necessidades. A história de vida das crianças mescla-se com o cotidiano da instituição educativa, há conquistas muitas vezes vividas ali, entre professores e outras crianças, como andar, falar, e demais aprendizagens do cotidiano, que precisam ser compreendidas com sensibilidade e partilhadas com as famílias.

Dessa forma, Rocha (2012) e Formosinho (2009) acordam “que não podemos desconsiderar a importância da formação destes educadores, afim de que contribuam para o desenvolvimento integral da criança”, sendo assim a formação dos professores vai muito além das paredes de uma sala de aula. Rocha (2012) complementa:

[...] a formação de educadores para a educação infantil merece especial atenção, pois diz respeito ao atendimento de seres que estão iniciando a

vida em ambientes compartilhados com outras crianças, cada qual com sua realidade e herança social. (ROCHA, 2012, p. 35)

Tal papel que se faz pensar na Educação Infantil de forma diferenciada, pois como se percebe, a educação de crianças pequenas envolve muitos aspectos distintos das demais modalidades de ensino, onde perpassa o apenas “cuidar”, mas que visa “o cuidar e educar”.

Dessa forma, Gomes (2009) escreve que quando pensamos na educação para crianças pequenas devemos pensar na transição dos profissionais que estão na creche levando em consideração as instituições formadoras, mas não se pode deixar de lado as experiências de até então, principalmente da história, desde o surgimento da Educação Infantil. Sempre em busca da superação do assistencialismo, garantindo dessa forma, os direitos dos professores e principalmente, das crianças.

Passa-se a pensar nas particularidades do ensino da criança pequena, que se deu principalmente decorrente às mudanças no âmbito social das famílias, aparece nesse momento a necessidade de um olhar voltado para uma infância diferente da que se conhecia. Surge a exigência de atender à criança que vive agora na zona urbana, que brinca, na maioria das vezes, apenas dentro de casa, que não tem mais tanto contato com os vizinhos, ou seja, os objetivos a serem atingidos com essa criança passam a ser diferenciados daqueles até então existentes.

Dentro dessas mudanças, portanto, há a percepção de que a Educação Infantil não é apenas um depósito de crianças, mas que faz parte do contexto educacional e que se trata de um segmento de extrema importância, gerando dessa forma, muito interesse em se pesquisar acerca do desenvolvimento infantil. E, tais pesquisas ganham espaço e contribuem significativamente para a mudança do olhar sobre a Educação Infantil. Sendo que uma das mudanças ocorreu também na nomenclatura e finalidade das instituições que iriam atender às crianças pequenas. Como explica Gomes (2009):

Creches e pré-escolas: dois atendimentos históricos-sociais diferenciados. Historicamente a creche se vincula à história da mulher trabalhadora, ao mundo do trabalho, caracterizando-se, durante muito tempo, como instituição substituta do lar materno. O percurso histórico das creches revela uma dinâmica de altos e baixos: ora de ampliação, ora de retraimento, em geral com recursos insuficientes, como atendimento paliativo que contou com grande expansão nos anos 1980 pela força de movimentos sociais de luta por creches, com destaque aos movimentos de bairros, sindical e feminista.

[...]A pré-escola por sua vez, apresenta-se na história da Educação, como um atendimento público sistematizado e, no caso brasileiro, de maneira geral, como estratégia na prevenção do fracasso escolar, sendo um período de preparação à escola formal obrigatória. (GOMES, 2009, p. 23 e 24)

Inicia-se então, nesse momento, um processo que visa analisar questões sobre o desenvolvimento cognitivo dessa criança que está inserida na Educação Infantil. Pois, até então, as creches eram vinculadas a órgãos de Assistência Social, uma vez que, o principal objetivo até então, era o de promover a garantia do bem-estar e do cuidado à criança pequena.

Entende-se, então, que o pensar sobre “o ensinar” e “o aprender”, cujos mesmos compõe um ciclo, não linear, de constante aprendizado e ensinamentos. Segundo Azevedo (2013), como ponto fundamental dentro dessa relação de ensino-aprendizagem, vemos que há mais uma vez o papel do professor de educação infantil e, sem deixarmos de relevar, é claro, a sua formação. E, se falando em formação, é de extrema importância a discussão existente sobre o perfil de professores para atuar nessa modalidade de ensino. Acerca disso, Gomes (2009), afirma:

Considerando o professor como o profissional responsável pela educação - cuidados de crianças pequenas em creches e pré-escolas, temos o desafio de qualificar o perfil desse profissional na área da educação e no âmbito da educação básica, reconhecendo a complexidade da formação de crianças pequenas em ambientes coletivos. (GOMES, 2009, p. 25)

Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que a questão da qualificação profissional é a grande chave para o bom andamento de todo esse processo. Será o professor que optará por qual caminho deverá seguir, podendo influenciar positiva, ou negativamente a vida de seus alunos. Alguns dados de grande relevância quanto à formação para a Educação Infantil são apresentados por Gatti, Nunes, Gimenes, Tartuce e Unbehaum, em pesquisa publicada pela Fundação Carlos Chagas.

Quadro 3- Categorias por disciplina

Categorias por disciplina		N	%
Fundamentos teóricos da educação	Fundamentos teóricos da educação	701	22,6
	Didática geral	106	3,4
	Subtotal	807	26,0
Conhecimentos relativos aos sistemas educacionais	Sistemas educacionais	165	5,3
	Currículo	158	5,1
	Gestão escolar	140	4,5
	Ofício docente	19	0,6
	Subtotal	482	15,5
Conhecimentos relativos à formação profissional específica	Conteúdos do currículo da Educação Básica (Infantil e Fundamental)	232	7,5
	Didáticas específicas, metodologias e práticas de ensino	643	20,7
	Saberes relacionados às tecnologias	22	0,7
	Subtotal	897	28,9
Conhecimentos relativos ao nível da Educação Infantil e modalidades de ensino específicas	Educação Infantil	165	5,3
	EJA	49	1,6
	Educação Especial	118	3,8
	Contextos não escolares	16	0,5
	Subtotal	348	11,2
Outros saberes		173	5,6
Pesquisa e TCC		217	7,0
Atividades complementares		183	5,9
Total		3.107	100,0

Fonte: Disciplinas obrigatórias, segundo as categorias e subcategorias de análise: Licenciatura em Pedagogia (GATTI et al, 2010 p.102)

A partir do quadro, pode-se observar que, com relação à presença nos currículos do nível da Educação Infantil, essa presença está muito reduzida e a formação é pouco considerada, mesmo nas disciplinas obrigatórias ou nas optativas. Observa-se também que nas ementas não se encontra a presença de subsídios voltados para a prática docente propriamente dita, poucas são as ementas que expõem maior preocupação com as “teorias sociológicas ou psicológicas, e questões de história para a contextualização da criança, da infância” o que é acentuado no que se refere à ausência do tratamento de práticas pedagógicas relacionadas ao trabalho com crianças pequenas e suas fases de desenvolvimento. Pode-se notar que “Educação Infantil” tem presença em apenas 5,3% nos currículos. (GATTI, data? p. 105)

A partir desses dados, percebemos quanto está sendo deixando de lado a formação para professores que atuam com crianças pequenas e que isso poderá incidir em reflexos diretos em sala de aula e na hora desse professor atuar com os pequenos, e, com isso, recai o que há tempo vem sendo discutida: a falta de formação específica para esses profissionais que atuam na educação infantil. E, conseqüentemente, os profissionais que acabam por assumir turmas na educação infantil são aqueles que têm formação apenas no nível médio magistério/formação de docentes.

Entende-se, portanto, que para o bom desenvolvimento da criança, em todas as suas dimensões é extremamente importante que se trate da formação inicial de tais profissionais, como vemos nos escritos de Gomes (2009):

Nos debates atuais nessa área, parece haver um reconhecimento de que, em princípio, os cursos que formam professores no Brasil, especialmente para a educação infantil, ainda se mostram academicistas, distantes das práticas requeridas para o trabalho com crianças pequenas. Ademais, ainda hoje nesses cursos, pouco ou quase nada é estudado no que diz respeito à criança até 3 anos. Levando em conta as decorrências históricas-sociais da construção dos programas de creches e pré-escolas no Brasil, entendemos ser importante considerar como as culturas educacionais dessas instituições foram produzidas. (GOMES 2009, p. 47)

Contribuindo com as abordagens de Gomes (2009), busca-se a análise de Formozinho (2009), cujo autor acrescenta que, para se formar um professor de criança pequena, deve-se impulsionar nesse profissional, o espírito de investigação para que, assim, ele possa resolver os problemas que surgirem ao longo do caminho e, principalmente, em sua atuação profissional, afim de que tenha autonomia, saiba trabalhar tanto individualmente como coletivamente, mostrando dessa forma, os vestígios da ação educativa e de sua organização na vida acadêmica.

Deparamo-nos, então, com uma questão de grande importância para o âmbito do trabalho com a criança pequena, a formação do profissional. Formação que refletirá diretamente na vida dessa criança que está inserida no contexto educacional.

Talvez a questão da formação inicial nos leve a compreender outras questões com que nos deparamos nas escolas. Pois é sempre importante ressaltar que o trabalho dentro de uma instituição de educação infantil é repleto de especificidades e exigências distintas dos outros níveis de ensino.

Entendendo-se essa complexidade do trabalho com a criança pequena, os aspectos envolvidos e as particularidades encontradas, vê-se que, diferentemente do que muitos pensam, e até mesmo falam, o trabalho do professor de Educação Infantil não é mais “fácil” nem “menos exigente” que o trabalho com outros níveis de ensino. O professor de Educação Infantil deve primeiramente entender os aspectos que envolvem o universo infantil.

Pode-se relacionar a qualidade do trabalho desenvolvido com a criança pequena, com a conscientização, por parte do professor, do grau de importância que terá a sua mediação no processo de seu desenvolvimento físico, social e cognitivo.

Para que essa mediação seja verdadeiramente significativa, é inevitável que se estabeleça uma formação inicial de qualidade para esse professor.

[...] o ensino superior, ao formar professores de crianças, deve visar as capacidades de concepção e organização do próprio trabalho que, sendo inerente à missão do ensino superior, corresponde às necessidades de (re) contextualização social e pedagógica do trabalho dos professores de crianças (e dos professores, em geral). (FORMOSINHO, 2009, p. 85)

Para Formosinho (2009), a formação de professores tem algumas especificidades em relação à formação de outros profissionais, mesmo de outros serviços, pois a profissão docente se aprende pela vivência da docência, sendo que a docência é uma profissão que se aprende desde que se entra na escola, através da observação do comportamento dos nossos professores, uma vez que, o professor transmite seu próprio saber profissional.

Ser um profissional capaz de promover múltiplas interações envolve o acolhimento e a ideia de pertença grupal, a dimensão afetiva, o respeito às necessidades e interesses da criança, aos seus padrões culturais, captando-os para os propósitos do trabalho desenvolvido, a ampliação permanente de seu universo sociocultural, novo dimensionamento para o educar, para o ensinar e o aprender, a permanente reflexão sobre os propósitos que guiam suas práticas, as concepções que dão suporte às ações e, não menos importante, o estímulo à construção de um processo de identidade profissional que possa conduzi-la a olhar o próprio percurso formativo em uma perspectiva de desenvolvimento profissional. (GOMES, data? p. 54)

O compromisso do professor é diferente de todos os outros, pois é aprendido antes de haver uma opção vocacional, é aprendido de modo implícito e num período prolongado. Nesse sentido, o aluno já tem uma imagem enraizada do que é ser aluno e do que é ser professor, sendo essa prática essencial para a formação de um professor.

Faz-se necessário que, durante o curso de formação de professores, esse profissional desenvolva criticidade e autonomia suficiente para futuramente desenvolver um trabalho formativo com as crianças pequenas. E, que o mesmo tenha consciência de que seus atos refletirão diretamente na vida de seus alunos.

Identidade Profissional e a educação infantil: a valorização de quem cuida / educa

Ao pensarmos na identidade profissional do educador infantil devemos repensar em como esse profissional tem sido visto e qual é seu papel para com as crianças pequenas, afinal o professor tem suas peculiaridades, não sendo somente o cuidar, mas também o educar e, nesse sentido, formar o aluno integralmente levando em consideração as especificidades da educação infantil e de todas as crianças.

Azevedo (2013) escreve que a educação infantil se fundamenta em cuidar e educar e para isso a formação do profissional de educação infantil não poderia pautar-se em algo diferente e, para isso, não se pode pensar em uma forma de classificar a atividades sendo somente cuidado ou educação pois, afinal, os dois assumem igual importância no dia a dia da educação infantil.

Pensar a educação de crianças pequenas envolve não só considerar a travessia dos profissionais de creches para a área da educação e o processo de profissionalização docente levando a efeito pelas instituições formadoras sem descaracterizar as histórias, as experiências até então existentes da educação e cuidados, mas também buscar a superação dos assistencialismos e objetivar a garantia dos direitos da infância, assim como dos educadores. (GOMES, 2009 p. 43)

O processo de construção da identidade docente dos profissionais de educação infantil é muito mais abrangente do que a simples troca de nomenclatura e de conceito. É necessário que, a começar pelo educador, construa sua identidade a partir de fatores que valorizem a infância, que suas ações reflitam positivamente na vida dos seus educandos e, que possa assim, compreender a importância do seu papel junto à criança, desenvolvendo dessa forma, sua autoestima profissional.

Como aponta Nóvoa (1992) apud Gomes (2009), existe uma tríade indissociável no processo de desenvolvimento do professor, que se resume na vida pessoal, na profissional e naquela que o mesmo desenvolverá na instituição que está inserido. Sendo assim, é necessário que o profissional encontre o equilíbrio dentre os três aspectos para que todos andem juntos em busca de um mesmo objetivo, visando sempre sua qualidade profissional.

Para Arce (2001), as décadas de 70 e 80 são marcadas por uma grande demanda e por lutas em prol da expansão da educação pública a crianças menores de seis anos. E, com a ausência do MEC, teve-se que buscar estratégias para custear a educação, ocorrendo, em consequência disso, que as mães acabam se tornando voluntárias nas escolas e com isso podemos perceber o quanto a relação entre mãe e professora esteve presente por muito tempo.

Dentro do contexto histórico em que vivemos hoje é notável a questão de que a vida escolar das crianças tem se iniciado cada vez mais cedo. Com base nisso, vemos quão grande é a importância da formação do professor de educação infantil, profissional esse que exercerá papel fundamental no desenvolvimento da criança.

Porém, ainda dentro de um contexto histórico vemos que existem desafios em fazer com que esse profissional sinta-se verdadeiramente responsável pela educação e formação dos seus alunos.

As creches, como conhecidas antigamente, exerciam uma função assistencialista, onde o cuidar era tido como a principal função, e o professor, conseqüentemente era o cuidador, profissional esse que nem sempre possuía a formação necessária para exercer tal função, onde muitas vezes estava diretamente relacionada ao fato de ser mãe e assim, possivelmente “cuidar” bem das crianças.

Até que, em um dado momento da história, isso começa a mudar. Como cita Gomes:

No Brasil, é na constituição Federal de 1988 (CF/88) que, pela primeira vez, aparece a expressão educação infantil, contemplando as instituições creches e pré-escolas, e se determina que o campo de atuação dessas duas instituições deve vincular-se aos sistemas de ensino. Tal deliberação legal representa um marco nas políticas públicas para a infância brasileira, ao tratar crianças pequenas como sujeitos de direitos e não como alvo de políticas fragmentadas e compensatórias. (GOMES 2009, p.46)

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a Educação Infantil, começa a ser vista com outros olhos, a legislação apresenta exigências voltadas para a educação da criança pequena. É nesse momento que surge a necessidade de se formar profissionais específicos para se trabalhar com crianças dessa faixa etária, em que surgem mais questionamentos referentes ao perfil de tal profissional. Visando o que

delimitaria o trabalho desse professor, quais seriam suas prioridades e como desenvolveria seu trabalho para com as crianças.

Dentro desse contexto histórico, podemos dizer que muita coisa mudou durante essa caminhada. Porém, ainda existem questões que nos fazem refletir sobre a formação dos professores de educação infantil, tanto dentro da formação inicial, quanto da formação contínua. São diversos aspectos que ainda precisam ser trabalhados, como a auto formação. Cada profissional deverá construir o seu perfil durante a sua formação, porém, a sua auto formação está diretamente ligada a outros aspectos, como cita Gomes (2009):

Acreditar que a educadora de crianças pequenas seja capaz de exercer a autonomia de seu processo formativo pressupõe mudanças conceituais e de condições objetivas de trabalho com todas as instituições e segmentos diretamente envolvidos: com a universidade, trazendo e levando questões práticas para a investigação teórica e as teorias, por sua vez, encontrando suas raízes nas práticas, e com as políticas governamentais, no reconhecimento do papel social dos profissionais da educação, especialmente das educadoras de crianças pequenas. (GOMES, 2009, p. 53)

Vemos assim a significativa relevância que se tem nas instituições de formação as quais devem estar voltadas para a formação reflexiva dos professores, visando bons conteúdos, boas experiências em estágios, ou então, experiências reflexivas, e, que em sua prática, haja reflexividade; e principalmente, vise à formação de um profissional apto a desenvolver em seus futuros alunos a criticidade e autonomia.

A metodologia do estudo

Para este estudo fez-se uso da abordagem qualitativa, no intuito de discussão e aprofundamento dos dados obtidos em campo, pois não estamos buscando quantidades, mas sim, um aprofundamento da questão em si, sendo que com a pesquisa qualitativa pode-se aprofundar as questões de compreensão para o trabalho de pesquisa.

Tais dados foram coletados por meio de questionário, organizados e analisados utilizando-se da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977).

Sobre o uso do questionário, Lakatos e Marconi (2003, p. 200) o definem como “[...] instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. O questionário utilizado para o estudo constituiu-se de cinco questões, uma destas de cunho pessoal para definirmos o perfil do pesquisado e quatro questões descritivas relacionadas a sua experiência profissional na Educação Infantil e sobre a formação específica para se trabalhar nessa área.

Entende-se que a análise de conteúdos leva em consideração as respostas dadas pelas participantes da pesquisa, a partir dos estudos de Fossá e Silva (2013), a análise de conteúdos irá contemplar as diferentes fontes sendo elas verbais ou não verbais, podendo partir de elementos objetivos (o que está escrito) ou subjetivos (próprio da análise, do pesquisador). Para Bardin, (1977, p. 31):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicações muito vasto: as comunicações.

A partir das orientações de Bardin (1977), delimitou-se categorias para análise dos dados, sendo que, após a leitura e organização das questões, divide-se em duas grandes categorias e em seguida dividem-se em subcategorias, as categorias são divididas segundo o grau de proximidade que existam.

Neste texto, tratamos da Categoria 2 (dois), *A pedagogia como formação inicial* e suas subcategorias: *Disciplinas para Educação Infantil* e *Conteúdos para trabalhar com a criança pequena*.

Quadro 1– Categoria 2

Categoria 2 A pedagogia como formação inicial
Disciplinas para Educação Infantil
Conteúdos para o trabalho com a criança pequena

Fonte: dados da pesquisa – organizado pelas autoras

Para a compreensão dos dados obtidos no estudo, recorre-se ao referencial teórico construído e apresentam-se reflexões por meio de imagens/ charges que nos auxiliam a tratar da formação de professores.

A charge é um gênero discursivo e ao tomar uma determinada representação (imagem de autoria do pesquisador Francesco Tonucci), é aqui compreendida como enunciado verbo-visual que interligada aos objetos da cultura, relaciona-se aos demais textos apresentados e nos possibilita aprofundamento das análises. As charges escolhidas dialogam com as demais teorias e sintetizam na linguagem verbo-visual realidades da educação infantil.

A escolha de Francesco Tonucci vai para além das imagens. Quando pequeno já tinha uma veia artística e, com os caminhos percorridos, escolheu Pedagogia com o intuito de unir o ensino com a arte. O autor/ilustrador busca com seus desenhos, dar voz às crianças, nos provocando constantemente a olhar o mundo com os olhos de criança. Esta sensibilidade expressa nos traços de Tonucci nos permite pensar a formação de professores de Educação Infantil.

Pedagogia e formação inicial: disciplinas específicas na formação para a Educação Infantil

Entende-se, amparados nos autores utilizados neste estudo, que a formação inicial é muito importante, pois é a base para a busca por novas aprendizagens. Para Gomes (2009) a formação universitária constitui-se como momento de contato com o campo profissional, permitindo debate teórico aliado a problematização das práticas, constituindo-se etapa formativa essencial.

Instigadas pelas vivências e problematizações provenientes dos estágios e, para conhecermos um pouco mais da formação das professoras, principalmente o que, em específico, foi desenvolvido quanto à formação para a EI no curso de graduação

(Pedagogia), fizemos as seguintes indagações: “Há diferenciação/especificidade neste processo de formação durante o curso de graduação? Em quais disciplinas foi enfatizada/discutida a formação para ser professor de educação infantil?”.

Consideramos importante que a formação inicial contemple diferentes disciplinas, de áreas específicas para a atuação com crianças pequenas, o que não é percebido, de fato, nos relatos das professoras entrevistadas, como apresenta-se no quadro abaixo:

Quadro 12 - Disciplinas específicas para a Educação Infantil

Ludicidade/corpo e movimento/psicomotricidade	4
Práticas / princípios/fundamentos da educação infantil	5
Psicologia	4
Filosofia/sociologia/história da educação	4
Organização do trabalho pedagógico	1
Estágio na Educação Infantil	3
Metodologias / Laboratório de ensino aprendizagem	3
Didática	1
Literatura	2
Todas as disciplinas	2

Fonte: dados da pesquisa- organizado pelas autoras

Com base nas respostas obtidas nos questionários devemos primeiramente salientar que podem haver diferenciações entre os currículos e nomenclatura das disciplinas, visto que cada instituição possui uma grade curricular própria, com isso agrupamos as disciplinas que possuem as mesmas intencionalidades.

Outra questão observada é a de que dentre as professoras entrevistadas 50% (cinquenta) destacam a disciplina de Práticas/ Princípios/Fundamentos da Educação Infantil, o que consideramos ser de grande importância na formação do professor de EI, visto que durante o decorrer dessa (s) disciplina (s) aborda-se questões específicas do trabalho com crianças pequenas. Considera-se assim, que as professoras mencionam tal disciplina pode-se dizer que elas compreendem que o trabalho com crianças pequenas possui certas particularidades. Particularidades essas que encontramos no trabalho lúdico, na relação constante do cuidar e do educar e na ação voltada para o desenvolvimento integral da criança pequena.

Destacam-se também as respostas voltadas para as áreas de Psicologia, Filosofia e Sociologia, nas quais podemos dizer que as professoras se voltam com um olhar mais teórico e a ideia de que apenas o cuidar pode ser deixado de lado, visto que tais disciplinas abordam a formação do sujeito como um todo e fazem uma leitura do contexto social onde o mesmo está inserido. Considera-se fundamental que o sujeito criança seja discutido nas diferentes áreas, visto que uma das particularidades do trabalho com criança pequena está no contexto social e histórico em que se encontra, e se as professoras possuem essa concepção, ela favorecerá o seu trabalho, partindo de quem é a criança.

Dentro da profissão docente entende-se que o Estágio Curricular se faz de extrema importância visto que, para alguns profissionais, esse talvez seja o primeiro contato com a realidade escolar e docente. Porém durante a realização da pesquisa apenas percebeu-se que nem todas as professoras fazem essa leitura da importância do estágio para a formação docente, pois apenas 30% (trinta) das pesquisadas elencaram o Estágio na Educação Infantil como disciplina fundamental e formativa de professores que irão atuar na EI. Com base nisso, destacamos os escritos de Rocha e Ostetto (2008, p.105):

O estágio não apresenta um caráter aplicativo, prescritivo e normativo das práticas de educação e cuidado das crianças de zero a seis anos. Ao contrário abre-se como possibilidade, para as educadoras em formação, de exercitar o olhar e experimentar ver além do aparente, na complexa configuração do cotidiano infantil. Para além de uma programação de atividades e organização de rotinas, o plano de ação pedagógica constitui-se numa dinâmica permanente de sistemáticas intervenções e reposituições pautadas num contínuo processo de investigação do universo infantil.

Rocha e Ostetto (2008) ressaltam a importância de estágio na formação inicial de professores. Porém, não foi possível perceber a compreensão dessa importância na fala das professoras durante a realização da pesquisa.

Algo que nos chamou a atenção foi a organização do trabalho pedagógico aparecer em apenas 10% das respostas, visto que a organização do trabalho do professor se faz de extrema importância no trabalho que visa o desenvolvimento integral das crianças de EI.

Pode-se dizer que a falta de menção à Didática nos deixa de certa forma apreensivas, pois, ao vivenciarmos o Estágio Curricular Supervisionado na educação Infantil no 3º ano do curso de Licenciatura em Pedagogia nos foi possível perceber que a prática na sala de aula acaba sendo realizada no improvisado ou no imediatismo, como para resolver questões que surgem no dia-a-dia e sem observar um planejamento contínuo e com objetivos a serem atingidos. Quanto ao planejamento na educação infantil Ostetto (1992) nos diz que:

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano de seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fórmula! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. (OSTETTO, 1992, p.1)

Dentro do Âmbito da EI o planejamento não deve ser deixado de lado e visto como desnecessário, pois é uma ação de extrema importância que fará com que a ação docente se torne reflexiva e significativa.

Na imagem a seguir apresentada, de autoria de Francesco Tonutti, veremos sob o olhar deste estudioso da infância, sua percepção sobre as crianças e a escola e nos remete a refletir sobre como os pequenos chegam à escola com a imaginação aflorada e, por algumas ou muitas vezes, deixa-se de lado essa imaginação sem pensar no que a criança está sentindo ou tentando expressar com as palavras ou atos. Na imagem a seguir percebemos uma criança tentando expressar seus sentimentos com relação ao que ele está vivenciando ao ir para a escola. Deixa-se de pensar nos sentimentos, necessidades e nas vivências de cada criança, como ser único e repleto de possibilidades.

Imaginação...



Imaginação, Tonucci (1997)

É urgente e necessário tratar cada vez mais das especificidades da infância e da criança (ou melhor, das infâncias e das crianças). Retomamos os dados do estudo e destacamos que, dentre as professoras entrevistadas algumas delas ressaltam que todas as disciplinas são fundamentais para a formação do professor de EI, entendemos assim, que as professoras veem o processo de formação como todo importante para uma informação integral do docente. Porém, percebemos que as mesmas não fizeram diferenciação entre as disciplinas voltadas à EI e as que dão ênfase ao EF, deixando de perceber as especificidades da formação do professor que irá atuar na EI.

Portanto, percebe-se o quanto a formação específica para a EI é importante, pois é a partir dessa formação que a professora poderá conhecer verdadeiramente como é realizar o trabalho com as crianças. De fato, o curso de graduação apresenta em sua grade curricular algumas matérias específicas, entretanto, ainda não é o suficiente para que as professoras, de fato, diferenciem a atuação com os pequenos.

Conteúdos para o trabalho com a criança pequena

A fim de investigar sobre as disciplinas que as professoras consideram específicas para a educação infantil, foi realizado o seguinte questionamento: “Quais conteúdos você considera fundamental para a formação do professor que atua (ou irá atuar) com a criança pequena?”.

A partir das respostas percebemos o quanto algumas matérias tiveram maior repercussão em sua vida profissional e outras tiveram tão pouco. Procurar entender o que

faz elas pensarem que as relações humanas são menos importantes que as expressões lúdicas, sendo que é um conjunto de matérias que são essenciais para o bom desenvolvimento profissional.

Quadro 13 – Conteúdos para o trabalho com a criança pequena

Expressões lúdicas/psicomotricidade/ criatividade	10
Música/arte	3
Linguagem oral e escrita/português/literatura	6
Ciências/natureza e sociedade	3
Matemática	4
Relações humanas	1
Relação cuidar e educar	2
Diversidade-inclusão	2
Psicologia (especificidades 0-3/4-5)	6
Didática-planejamento	2
Pesquisa e prática pedagógica/estágio	2

Fonte: dados da pesquisa- organizado pelas autoras

Em análise às respostas apontadas pelas professoras, percebe-se que a relação com a ludicidade/psicomotricidade/criatividade é unânime. Aparecem em todos os questionários, o que nos faz pensar nas seguintes hipóteses: reconhecem a importância e praticam com certa propriedade tais áreas, ou que reconhecem e não praticam tais ações em suas salas de aula. De acordo com o estágio vivenciado no ano anterior pode-se perceber que essa relação com o lúdico nem sempre ocorre e que a rotina e afazeres do dia-a-dia acaba por engolir esse viver pleno que se caracteriza como ludicidade.

Outra questão que nos chama a atenção é a pouca menção das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Música e Arte. Sabe-se que tais disciplinas são muito importantes dentro da realidade do trabalho com crianças pequenas, porém a maneira como as educadoras estabelecem essa relação em sala de aula, visto que o trabalho pedagógico realizado com a criança pequena se faz primordial, deve ser estabelecido de acordo com as peculiaridades da EI, para que não seja visto apenas como o repasse de conteúdo, mas como conceitos que podem ser extraídos das próprias experiências trazidas pelas crianças e vivências em sala de aula.

No decorrer do curso de graduação foi possível apreender conceitos e estabelecer relações sobre a prática pedagógica, com isso compreende-se quão importante é o ato de planejar. Tal ação demonstra uma prática intencional e com finalidade organizada a fim de superar o cuidar e a ideia de “maternagem”. Para que, verdadeiramente, haja a relação entre o cuidar e o educar e, que um não se sobressaia ao outro decorrente de uma rotina mal planejada; mas uma atuação pautada nas especificidades do trabalho com a criança pequena que englobam o cuidar e que, paralelo a isso, haja o educar a partir das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, visando sempre o desenvolvimento integral das crianças.

Dentro do quadro de respostas há uma questão que nos chamou a atenção, que é o fato das relações humanas aparecerem em apenas um questionário, mostrando-nos que talvez as professoras não possuem a compreensão da importância das relações humanas dentro do contexto da Educação Infantil. Não como disciplina em si, mas como algo presente e intrínseco em todas as disciplinas e no dia a dia do trabalho com a criança pequena, que aprende através do toque, do afeto, do olhar e da interação com o outro.

Em experiências vivenciadas no estágio supervisionado de docência na Educação Infantil, durante o decorrer do curso nos foi possível acompanhar a rotina da realidade da Educação Infantil. Onde percebe-se que há uma disparidade entre o cuidar e o educar. Por

se tratar de uma realidade de escola em tempo integral o cuidar se sobressai ao educar, visto que os períodos de alimentação, higiene e troca de roupas toma conta da rotina da escola. Dá-se a impressão de que a rotina limita a liberdade e flexibilidade das professoras para atuarem em sala de aula, fazendo com que durante todo o dia a função primordial seja em torno dessa rotina que visa o cuidar. Ressalta-se que o cuidar não se faz menos necessário que o educar, porém o que se defende aqui é que exista uma relação constante entre eles.

Sabe-se também que após a reformulação do curso de Pedagogia devido as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (2006) foram retomadas discussões quanto à formação para a docência, abrindo novas possibilidades para pensar a formação para a atuação na Educação Infantil, sendo assim, entende-se que, com essa reformulação durante a formação inicial, o professor deverá compreender as especificidades do trabalho com criança pequena e que consiga estabelecer relações de como articular o cuidar e educar na prática



A escola da natureza, Tonucci (2008 p. 175)

Ao observarmos a imagem, enlaçada aos estudos, dados e reflexões desenvolvidos, percebemos a importância do profissional de educação em ter consciência acerca das ferramentas que dispõem para o ensino da criança, não sendo somente a carteira, o lápis e o papel tampouco permanecer dentro da sala fechada, mas que se bem aproveitados os diferentes espaços e tempos podem se transformar em algo de muito interesse para as crianças aproveitarem o espaço disponível podendo verdadeiramente aprender de forma interdisciplinar, explorando e construindo com base em experiências que tenham realmente significado.

A aprendizagem se dá de diversas formas e, com isso, cabe ao profissional da educação atuar da melhor forma trazendo para dentro da sala materiais novos ou até mesmo levando as crianças para fora de sala, aproveitando cada espaço, nutrindo e

desenvolvendo a curiosidade das crianças, enfim, a sala de aula é um laboratório o qual deve ser explorado.

A sensibilidade do olhar de Tonucci (2008) nos instiga a pensar o que e como estamos oferecendo/ensinando às nossas crianças, que seres estamos formando. A escola, seja ela de que etapa educacional, não pode estar em descompasso com a realidade.

Entre considerações e possibilidades

Das considerações, ressalta-se inicialmente a validade do processo de pesquisa, articulado ao processo de formação inicial, vivenciando questionamentos vinculados ao curso de Pedagogia e a experiências do Estágio de Docência na Educação Infantil, desencadeadores de indagações e mobilizando para a pesquisa.

Com a realização dos estágios na EI foi possível identificar e questionar a falta desse olhar sobre a profissão de professor de crianças pequenas e o seu respectivo papel, visto que por diversos momentos vê-se a ausência do olhar específico para as particularidades da criança que ecoam na atuação do professor de Educação Infantil.

Dentre as indagações e estudos, nos colocamos a pensar a formação vivida e as necessidades do campo de atuação, em específico a Educação Infantil. O que é essencial para ser professor de Educação Infantil? O que os professores dizem sobre a formação para atuar com a criança pequena? Assim, trata-se sobre a importância da formação específica para o trabalho na educação infantil desde a formação inicial, sendo esse o nosso maior objetivo, e percebe-se que ainda temos um longo caminho a percorrer desde a conscientização dos profissionais já atuantes e cientes da importância do seu trabalho, desde a escolha da profissão até a atuação em si.

Dos objetivos traçados, foi possível apontar fragilidade no que diz respeito a formação específica para compreensão da infância, da criança pequena e da educação infantil, podendo assim destacar a relevância de sólida formação inicial para a atuação/prática pedagógica de professores da educação infantil.

Enquanto acadêmicas/pesquisadoras articulando experiências, estudos e pesquisas, entendemos que tal análise foi de grande valia para nossa formação, visto que o processo da pesquisa nos fez ver o quanto ainda se tem a avançar dentro dessa área, valorizar os estudos realizados durante o Curso de Pedagogia e a necessidade de redimensionamento de estudos sobre crianças e infâncias, até mesmo dentro da universidade, mediante a relevância deste espaço de formação inicial.

Ainda sobre o processo de construção do estudo, salientamos que todos os autores utilizados, bem como as imagens escolhidas contribuíram para que a construção dos escritos e delineamento da reflexão, tornando-se desafiador e verdadeiramente construtivo. Tal processo de reflexão se faz necessário em toda e qualquer ação educativa, pois entende-se que a partir da reflexão surgem indagações e possíveis ações.

Sobre as possibilidades, entende-se o papel relevante do curso de Pedagogia enquanto espaço de formação inicial que permita conhecer/pensar/experienciar/construir conhecimentos com e sobre crianças, infâncias, políticas e espaços de Educação Infantil e aponta-se aqui que, para além da formação inicial, a Educação Infantil é um amplo campo de estudos, cuja riqueza se estrutura no olhar atento para a criança, que muito contribui para o tornar-se, cotidianamente, professor de crianças.

REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. *Cadernos de pesquisa*, n. 113, 2001. p. 167-184. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a09n113.pdf> Acesso em 25 de fevereiro de 2017.

AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. *Educação Infantil e formação de professores: para além da separação cuidar –educar*. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1977.

CLARETO, Sonia Maria; LOPES, Jader Janer Moreira; (org.). Professor reflexivo: gênese e implicações atuais. *Seminário Espaço e Educação*. Juiz de Fora: FEME, 2007. Disponível em http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc05_4.pdf Acesso em 21 de fevereiro de 2017.

FORMOSINHO, João. *Formação de professores: Aprendizagem profissional e ação docente*. Portugal. Editora Porto, 2009. p. 71-139.

GATTI, Bernadete. A Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf> Acesso em: 22 de fevereiro de 2017.

_____. *Estudos e Pesquisas Educacionais*. n. 1, Fundação Victor Civita. São Paulo: 2001. Disponível em: <http://www.fvc.org.br/pdf/artigo-atratividade-carreira.pdf> Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

GOMES, Marineide de Oliveira. *Formação de professores na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez editora, 2009.

_____. A aprendizagem profissional de professores de educação infantil: Possibilidades formativas. Uberlândia: Olhares e trilhas, 2010. p. 41-50. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetilhas/article/view/13896> Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

MILITÃO, Silvio César Nunes. Formação do professor reflexivo no Brasil: para além do conceito. *Revista científica eletrônica de pedagogia*. São Paulo, n. 4, p. 1-7, julho 2004. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/wQ1aXfT0D7vN5la_2013-6-27-16-50-42.pdf Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

OSTETTO, Esmeralda Luciana (Org). Planejamento na Educação Infantil, mais que atividade a criança em foco. In: *Encontros e encantamentos na Educação Infantil*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. A formação de professores para a Educação Infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental: análise do currículo dos cursos de Pedagogia

de instituições públicas e privadas do Estado de São Paulo. XVII Encontro Nacional de Prática de Ensino – ENDIPE, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/70.%20IMPACTOS%20DAS%20DIRETRIZES%20CURRICULARES%20NACIONAIS%20SOBRE%20OS%20CURSOS%20DE%20PEDAGOGIA.pdf> Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

ROCHA, Luciana. Formação de professores na educação infantil. *Revista projeção e docência*. n. 1, 2012. v. 3. p. 28-36. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/171> Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. *Frato: 40 anos com olhos de crianças*. Tradução Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Artmed, 2008.